



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, CAMPUS XIV, CONCEIÇÃO DO COITÉ
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

ANDRESSA OLIVEIRA GOMES

**ENSINO DE GRAMÁTICA NORMATIVA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
UMA PROPOSTA DE INOVAÇÃO E APRENDIZAGEM**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ-BA
2024**

ANDRESSA OLIVEIRA GOMES

**ENSINO DE GRAMÁTICA NORMATIVA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
UMA PROPOSTA DE INOVAÇÃO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Departamento de Educação, Campus XIV, Conceição do Coité, como requisito final à obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador (a): Anaíris Feirense de Castro Ramos Möller

CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA
2024

ANDRESSA OLIVEIRA GOMES

ENSINO DE GRAMÁTICA NORMATIVA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
UMA PROPOSTA DE INOVAÇÃO E APRENDIZAGEM

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Departamento de Educação, Campus XIV, Conceição do Coité, como requisito final à obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovada em 07 de Janeiro de 2025

Profª Me Anaíris Feirense de Castro Ramos Möller
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Profª Drª Janine de Souza Fontes
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Profª Esp. Juréia Maria Ferreira da Silva
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Dedico este trabalho a Deus, por ter me dado a vida e sabedoria por estar aqui.

A meus pais – fonte de amor e luz da estrada da minha vida.

A amigos e familiares (a razão para eu continuar lutar e jamais desistir).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu pai celestial, pelo dom da vida, pelo mundo maravilhoso e por ter permitido ingressar na universidade para a área que sempre amei.

Agradeço à minha família, por sempre está ao meu lado, me incentivando a nunca desistir e correr atrás dos meus sonhos. E, nos momentos difíceis nunca ter soltado a minha mão, me fortalecendo para os desafios da vida que são muitos. São o apoio para eu continuar me erguer e prosseguir no caminho.

Agradeço a todos os meus amigos e amigas por acreditarem em mim e pela motivação que sempre me deram ao atingir minhas metas. A atenção e a sinceridade foram dois alicerces para incentivar e me inspirar a cada vez mais nesta minha jornada da vida.

Agradeço a todos os meus mestres da Universidade Estadual do Estado da Bahia, por sempre terem me ajudado em todas as dúvidas e pela paciência que tem comigo e por todos os ensinamentos. Afinal, ser professor é transmitir conhecimentos para os estudantes e lutar por uma educação mais humanizadora. Vocês me inspiraram a cada dia mais ser a profissional que venho me tornando e sigo com muita resiliência na virtude de ser professora.

À professora Neila, por estar comigo no início dessa jornada da minha pesquisa, mas precisou se afastar para realizar um sonho acadêmico. A senhora foi minha base no início deste trabalho e motivação para continuar a escrever e pesquisar sobre este tema.

À professora Anaíris, minha atual orientadora, por ter me acolhido de braços abertos para me orientar neste trabalho, pela paciência, conselhos e ensinamentos que tive nesta trajetória para escrever e ir a campo coletar dados do meu tema de estudo. A senhora fortaleceu mais a base da minha pesquisa, além de está sempre comigo na hora de tomar decisões acerca do trabalho.

Ao professor Paulo, mestre do componente curricular TCC, que assim que leu meu tema aprovou e disse que estava ótimo para ser estudado e pesquisado. O senhor acreditou em minha pesquisa e incentivou para que ela desse seguimento para ser o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso nesta reta final da graduação.

Ensinar a gramática de forma contextualizada é tão necessário, porque se trata de uma ferramenta relevante na produção de textos coerentes e coesos, visto que estimula a capacidade reflexiva do aluno, fazendo-o questionar aspectos de sentido dentro do texto, e, conseqüentemente, auxiliando-o a refletir sobre o papel da gramática na organização de textos, o que resultará em interpretação efetiva e em produção textual pertinente aos contextos de uso da língua (Araújo, 2023, p.6).

RESUMO

Esta monografia apresenta o resultado de uma pesquisa de campo sobre a gramática normativa nas aulas de língua portuguesa, atentando para verificar como a gramática é ensinada pelos professores, e, se as variedades linguísticas são trabalhadas em sala enfatizando a sua importância e o combate ao preconceito linguístico. Aborda também, qual perspectiva é aplicada ao ensino de língua padrão: tradicionalista (T) ou contextualizada (C) de uma instituição de educação básica. O trabalho defende o ensino de gramática contextualizada, visto que os alunos conseguem aprender com inovação e significado. O tipo de pesquisa adotado é a pesquisa de campo com abordagem qualitativa; tem como método o estudo de caso e o instrumento de coleta de dados utilizado é a entrevista narrativa. Além disso, tem como suporte teórico os autores Antunes (2003, 2007, 2014), que aponta sobre o ensino o ensino de gramática normativa, as cinco acepções existentes da gramática, as diferenças entre as regras de gramática e as não regras de gramática e explica a concepção da gramática contextualizada (GC), sua importância e formas de como o professor de português pode trabalhar com esta perspectiva com os alunos; Araújo (2023), que descreve acerca do ensino da gramática contextualizada; Bagno (2001, 2007, 2009), que aborda os dois conceitos de norma: culta e padrão, enfatiza o combate ao preconceito linguístico, a importância das variedades linguísticas e a abordagem destas na sala de aula; Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) que os PCNs orientam a BNCC, estabelece competências, habilidades e aprendizagens essenciais; Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2014), que caracteriza que as variedades linguísticas não são consideradas um erro, as principais condutas que o docente deve tomar em sala de aula em questão as variedades não padrão da língua e os diferentes contextos que as variedades podem estar inseridas no âmbito social tanto na escrita quanto na oralidade; Mendonça (2005, 2007) define o que é a análise linguística, os objetivos, a integração com os eixos de língua e a necessidade de reformulação da forma de ensinar a gramática e Travaglia (1998) aborda o conceito de gramática e as três concepções deste termo. O suporte metodológico tem Gerhardt e Silveira (2020), que explica o que é pesquisa qualitativa e estudo de caso; Marconi (2003, 2010) conceitua a pesquisa de campo e a entrevista e Pachá e Moreira (2022) esclarecem sobre a entrevista narrativa. Os resultados desta pesquisa apontam que os professores da escola escolhida para estudo ensinam a gramática normativa de forma contextualizada (C), os alunos conseguem aprender os conteúdos gramaticais de acordo com as suas realidades e inovação, as variedades linguísticas são trabalhadas, é ensinado o combate ao preconceito linguístico e o respeito à diversidade linguística.

Palavras-chave: Gramática Contextualizada. Ensino. Variedade Linguística.

ABSTRACT

This monograph presents the results of a field research study on normative grammar in Portuguese language classes, focusing on how grammar is taught by teachers and whether linguistic varieties are addressed in the classroom, emphasizing their importance and the fight against linguistic prejudice. It also examines which perspective is applied to the teaching of standard language: traditionalist (T) or contextualized (C) in a basic education institution. The study advocates for the teaching of contextualized grammar, as it enables students to learn with innovation and meaning. The research adopted is field research with a qualitative approach, using a case study as its method, and the data collection instrument employed is the narrative interview. The theoretical framework includes Antunes (2003, 2007, 2014), who discusses the teaching of normative grammar, the five existing meanings of grammar, the differences between grammar rules and non-rules, and explains the concept of contextualized grammar (CG), its importance, and ways in which Portuguese teachers can work with this perspective in the classroom; Araújo (2023), who describes the teaching of contextualized grammar; Bagno (2001, 2007, 2009), who addresses the two concepts of norm—cultured and standard—emphasizing the fight against linguistic prejudice, the importance of linguistic varieties, and their approach in the classroom; the National Common Curricular Base – BNCC (2017), which, guided by the PCNs, establishes essential competencies, skills, and learning objectives; Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2014), who argues that linguistic varieties should not be considered errors, highlights the key actions that teachers should take regarding non-standard language varieties in the classroom, and explores the different contexts in which these varieties exist socially, both in writing and speech; Mendonça (2005, 2007), who defines linguistic analysis, its objectives, integration with language skills, and the need to reformulate the way grammar is taught; and Travaglia (1998), who discusses the concept of grammar and its three different interpretations. The methodological framework includes Gerhardt and Silveira (2020), who explain qualitative research and case studies; Marconi (2003, 2010), who defines field research and interviews; and Pachá and Moreira (2022), who clarify the narrative interview approach. The results of this study indicate that the teachers at the selected school teach normative grammar in a contextualized manner (C), allowing students to learn grammatical content in accordance with their realities and through innovation. Linguistic varieties are incorporated into the lessons, and the fight against linguistic prejudice and respect for linguistic diversity are actively taught.

Keywords: Contextualized grammar. Teaching. Linguistic variety.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA E DE LÍNGUA	12
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	17
4 IMPRESSÕES E RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	35

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é o ensino de gramática normativa nas aulas de Língua Portuguesa. Sobre essa temática, Antunes (2003) diz que o ensino de gramática é aplicado de maneira inadequada e sem contexto para os alunos. Conforme a autora, “uma gramática de regras incondicionalmente rígidas foge à realidade com que a comunicação verbal ocorre e só possível na descontextualização das frases isoladas e artificiais com que são fabricados os exercícios escolares.” (Antunes, 2003, p.91).

Entre outras palavras, os professores estão presos ao ensino tradicionalista de ensinar regras de gramática em frases soltas e isoladas sendo que essa metodologia não deve ser aplicada nas aulas de língua, pois os alunos não conseguem aprender a língua padrão e sim ficam decorando conceitos e regras, que com o tempo acabam esquecendo. A forma eficaz de aprender a gramática normativa é explicar as regras gramaticais dentro do texto.

Desse modo, percebe-se que há uma necessidade de inovação do ensino da gramática normativa, visto que os alunos não conseguem compreender a língua padrão e deve-se ser ensinado também que em alguns contextos sociais esta gramática de manuais não é obrigatória, respeitando as variedades não- padrão da língua, com o intuito de valorizar as variedades linguísticas e quebrar o preconceito linguístico. Os professores precisam repensar a metodologia para que o ensino seja produtivo e com aprendizagens para que os indivíduos se desenvolvam não só na educação, mas também em todo o âmbito social.

Ademais, esta monografia possui a seguinte problemática: Como a gramática normativa é ensinada nas aulas de Língua Portuguesa, considerando a dificuldade da maioria dos alunos em entender a gramática normativa e utilizá-la nos diversos contextos de ensino de língua portuguesa e no âmbito social?

De fato, o ensino da gramática normativa em algumas escolas não tem sido de inovação e aprendizagem, visto que alguns professores não estão passando a língua padrão para os alunos de forma produtiva que estes consigam aprender. E, por isso, ver-se a necessidade de verificar, por meio de uma pesquisa de campo, como está sendo a realidade da escola em relação à língua padrão no ensino de língua portuguesa.

O objetivo geral desse trabalho é identificar como a gramática normativa é ensinada nas aulas de língua portuguesa na escola. Os objetivos específicos são: analisar se o professor trabalha as variedades padrão e as variedades não padrão no ensino de Língua Portuguesa e verificar em quais contextos os alunos utilizam a gramática normativa nas aulas de Língua Portuguesa.

A escolha desse tema teve uma motivação pessoal. Desde a época de estudante, sempre fui apaixonada pela gramática. Achava o máximo aprender as regras gramaticais, porém eu ficava sem entender porque estudava as regras, as nomenclaturas e os conceitos e não sabia aplicá-los na prática. Ficava sem entender o porquê de estudar a teoria e sentir dificuldade na hora da prática, principalmente identificar na hora da realização da leitura ou da produção textual. Quando entrei na graduação consegui entender na íntegra o motivo. O problema não estava na gramática e sim, na forma que é ensinada para os estudantes pelo professor. Pensando nesta realidade do ensino de gramática normativa nas aulas de língua portuguesa, me inspirei para escrever meu trabalho de conclusão do curso sobre, porque a grande maioria dos alunos não está conseguindo aprender gramática e utilizá-la em situações sociocomunicativas nas quais em alguns momentos são necessárias.

Ainda, esse tema é importante para o âmbito acadêmico e comunidade social, visto que o ensino da gramática normativa é um assunto bastante relevante e pesquisado por muitos estudiosos e pesquisadores na área da Linguística e das letras, pois a gramática é trabalhada logo cedo desde as séries iniciais até o Ensino Médio no período de escolarização, além de ser usada em diversos contextos sociais fora da escola. A forma que a gramática é ensinada compromete a aprendizagem dos estudantes e até mesmo a prática do docente de Língua Portuguesa, porque o ensino de gramática na maneira tradicionalista (T) persiste ainda em diversas instituições escolares, sendo que quando o acadêmico ingressa na graduação de letras aprende que a concepção de gramática contextualizada (C) garante um ensino mais produtivo e eficaz para os alunos. O tema é uma referência para aqueles que procuram pesquisar acerca ensino de gramática de forma aprofundada para aprimorar seus conhecimentos e realizar estudos, a fim de querer fazer mudança nessa metodologia de ensino e buscar compreender melhor este assunto que faz parte da carreira de professor deste componente curricular indispensável nas grades curriculares de todas as escolas.

A metodologia utilizada neste trabalho é pesquisa de campo com abordagem qualitativa. E, tem como instrumento a entrevista narrativa para obtenção dos dados e informações acerca do assunto desta monografia por meio da utilização do gravador de celular. Também, fez-se um estudo de caso comparativo entre duas professoras de uma mesma escola, as quais ensinam Língua Portuguesa e tem formação nesta área.

O trabalho é dividido em três seções na seguinte ordem: Concepções de gramática e de língua, aspectos metodológicos e impressões e resultados da pesquisa de campo. A primeira seção concepções de gramática e língua aborda através de teóricos, os conceitos indispensáveis sobre o tema desta monografia, e quais as ideias que o pesquisador defende nesta pesquisa.

Na segunda seção aspectos metodológicos, explica toda a metodologia utilizada na realização deste trabalho que foi uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, além de um estudo de caso comparativo o qual teve como instrumento a entrevista narrativa, e descreve a experiência do pesquisador ao utilizar estes recursos metodológicos e a sua ida a campo para coletar dados acerca do assunto em que escolheu para escrever este trabalho. Será descrito em detalhes como foi a experiência vivida pelo pesquisador ao ir a campo e como foi colocar em prática os métodos e instrumentos utilizados para obter informações sobre o tema desta monografia.

Por fim, a última seção, impressões e resultados da pesquisa de campo, serão apresentados os resultados desta pesquisa e a comparação entre os participantes do instrumento utilizado que foi a entrevista narrativa, os quais abordaram sobre o objeto de estudo coletado, a gramática normativa. E também, terá as impressões sobre o pesquisador acerca dos resultados deste estudo de caso comparativo.

2 CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA E DE LÍNGUA

O conceito de gramática é bastante amplo no campo da linguística. Travaglia (2002) aborda três concepções para este termo. Na primeira concepção, o autor mostra que “a gramática é concebida como um manual de regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente”

(Travaglia, 2002, p.24). Ou seja, esta concepção gramatical configura o “falar” e “escrever” bem da língua, isto é, seguir normas de bom uso da linguagem. A segunda concepção sobre a gramática faz-se “uma descrição da estrutura e funcionamento da língua, de sua forma e função” (Travaglia, 2002, p. 26). Nesse viés, a segunda concepção de gramática descreve a estrutura e o funcionamento da língua de acordo com uma determinada variedade linguística. E, a terceira concepção que a gramática é aquela que:

Considerando a língua como um conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com o exigido pela situação de interação comunicativa em que o usuário da língua está engajado, e a gramática como o conjunto das regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar (Travaglia, 2002, p. 28).

Nesta última concepção gramatical, o indivíduo aprende a gramática antes da escolarização, ou seja, desde criança o indivíduo aprende a falar a gramática sem precisar ser ensinado por ninguém, de acordo com as variedades do grupo social ao qual ele pertence.

Sob essa linha de raciocínio, através destas concepções, Travaglia (2002) explica que o conceito de gramática é bastante abrangente e que possui muitas definições no âmbito linguístico. Além disso, ele ainda explica o conceito de gramática normativa como “normas de falar e escrever, normas para a **correta** utilização oral e escrita do idioma, prescreve, o que se deve e o que não se deve usar na língua” (Travaglia, 2002, p.30-31). Entre outras palavras, esse tipo de gramática se preocupa com o “certo” e “errado” na fala e escrita de um determinado idioma no caso, o português brasileiro.

De acordo com Antunes (2007), existem acepções da gramática, isto é, vários sentidos que a gramática possui. As acepções são: conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua, conjunto de normas que regulam o uso da norma culta, uma perspectiva de estudo dos fatos da linguagem, uma disciplina de estudo, e um compêndio descritivo-normativo da língua.

A primeira acepção conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua,

Abarca todas as regras de uso de uma língua. Envolve, portanto, desde os padrões de formação das sílabas, passando por aqueles

outros de formação de palavras e suas flexões, até aqueles níveis mais complexos de distribuição e arranjo das unidades para a construção das frases e períodos (Antunes, 2007, p. 26).

Esta acepção afirma que cada falante tem sua própria língua e aprende a gramática naturalmente nos primeiros anos de vida (infância); com isso o indivíduo vai incorporando a gramática através do convívio com familiares e interação em atividades sociais. E também, quando a criança estiver na escola irá ampliar o conhecimento acerca da gramática.

Além disso, a segunda acepção conjunto de normas que regulam o uso da norma culta, “não abarca toda a realidade da língua, pois contempla apenas aqueles usos considerados aceitáveis na ótica da língua prestigiada socialmente” (Antunes, 2007, p. 30). A segunda acepção está relacionada com a norma culta através do domínio normativo, definindo o que é “certo” e apontando os “erros” acerca do uso da língua.

Outrossim, na terceira acepção “a gramática é usada para designar uma perspectiva científica ou um método de investigações sobre as línguas” (Antunes, 2007 p. 31). Esse terceiro sentido da gramática faz-se um estudo sobre a linguagem e as perspectivas gramaticais: “estruturalista”, “gerativa”, “funcionalista” “tradicional” etc. Na quarta acepção a gramática é uma disciplina escolar (Antunes, 2007). Na penúltima acepção, a gramática é um componente curricular que faz parte da carga horária das disciplinas da escola, presente nas aulas de português, literatura e produção textual.

E, na última acepção, é vista como um compêndio descritivo-normativo sobre a língua: a gramática é conhecida como um livro, isto é, um manual de regras no qual considera o que é correto sobre a língua. Livro este que é denominado “gramática”, famoso para muitos indivíduos como “a gramática de Domingos Paschoal Cegalla”, “a gramática do Ernani Terra”, “a gramática do Evanildo Bechara” dentre outros.

Sob essa lógica, nas cinco acepções que Antunes (2007) aborda, percebe-se que a palavra “gramática” possui vários sentidos em diferentes contextos sociocomunicativos e precisam ser percebidos em suas particularidades e funções em determinadas situações sociocomunicativas presentes no âmbito social.

Além disso, Antunes (2003) reflete que é necessário diferenciar “o que são regras de gramática” e o que “não são regras de gramática”, visto que na sala de aula há grandes equívocos em relação a este manual.

As **regras de gramática** são “as normas que especificam os usos da língua, que ditam como dever ser a constituição de suas várias unidades, em seus diferentes estratos (o fonológico, o morfossintático, o semântico, o pragmático)” (Antunes, 2007, p. 71). Entre outras palavras, a autora explica que essas regras são orientações de como se deve usar ou não as unidades da língua nas quais são utilizadas nos diferentes meios e suportes da comunicação oral e escrita.

As **não regras de gramática** (não regras de uso) são “apenas questões metalinguísticas de definição e classificação das unidades da língua” (Antunes, 2003, p. 87). Esta categoria se refere à definição e à classificação das palavras. Nesse viés, a autora explica que o professor de língua portuguesa precisa saber distinguir estes dois termos quando ensinar a gramática normativa, visto que são coisas diferentes e que causa muita confusão na cabeça dos alunos.

Também, dentro do ensino de língua portuguesa se aborda as variedades da língua que segundo Bagno (2001, p. 42), são “os traços característicos de um determinado modo de falar a língua”. Nessa perspectiva, a variedade é o modo específico de falar de uma determinada comunidade ou grupo social. Cada ser tem sua variedade e nas aulas de português devem-se trabalhar as variedades da língua, seja estas padrão ou não-padrão, uma vez que na língua existe uma grande diversidade linguística a qual precisa ser valorizada e respeitada de forma que não ocorra preconceitos ou discriminações linguísticas na esfera social.

Bagno (2001) aborda, a respeito do estudo da língua, que existem dois tipos de norma: culta e padrão. A **norma culta** o autor conceitua como “o conjunto de usos linguísticos dos falantes cultos de um país, de uma região ou de uma cidade” (Bagno, 2001, p. 39). Seguindo esse pensamento, a norma culta é a linguagem que indivíduos nascidos e criados em zona urbana com grande prestígio, com grau de escolaridade elevada e diploma de nível superior se comunicam tanto na fala, quanto na escrita.

A **norma-padrão** “é o modelo ideal de língua que os gramáticos tradicionalistas tentam impor” (Bagno, 2001, p. 40). Nesse âmbito, a norma-padrão é considerada pela grande maioria dos gramáticos tradicionalistas a maneira “correta”

que todos os indivíduos devem se expressar na comunicação oral e escrita em todos os contextos sociais.

Desse modo, o autor explica que há uma distância entre esses dois tipos de conceito acerca da norma e que precisam ser discutidos no ensino de língua, uma vez que causam muita confusão e mitos nas aulas de Língua Portuguesa, contudo de maneira que não contenha o preconceito, com respeito e sem perder a valorização de cada variedade linguística existente.

Tendo apresentado tais concepções e autores, esta pesquisa defende que deve sim trabalhar a gramática normativa nas aulas de Língua Portuguesa, porém, concomitante com as outras variedades da língua portuguesa. O docente deve ter em mente que não são todos os momentos que se aplica a língua padrão na sala de aula, desconstruindo esse ensino tradicionalista no qual os gramaticistas defendem que dever-se “falar” e “escrever” correto a todo o momento em que o aluno esteja utilizando a oralidade e a escrita.

Sob essa linha de raciocínio, os conceitos de gramática normativa e da terceira concepção gramatical de Travaglia (2009) são imprescindíveis para esse trabalho, porque é importante ensinar a gramática normativa nas aulas de Língua Portuguesa, mas o ensino deve ser de inovação e aprendizagem. Ou seja, os alunos devem aprender a gramática e não decorá-la. No entanto, o ensino de português não pode ficar atrelado apenas a ensinar a gramática normativa. O docente não pode se esquecer que deve valorizar a gramática que o indivíduo aprende quando começa a ter convívio social em sua fase de infância até os dias de hoje.

De fato, essa gramática que o indivíduo adquire sozinho se relaciona com a terceira concepção gramatical de Travaglia (2009) na qual é defendida nessa pesquisa. Nesta concepção, o indivíduo adquire a gramática no seu período da infância de maneira natural e por meio de interações sociais, conforme as variedades do grupo social ao qual esse sujeito pertence.

Outro conceito bastante importante que é defendido nesse trabalho é o de variedade, pois o português tem uma diversidade de variedades linguísticas que não pode ser esquecida e silenciada no ensino de língua portuguesa. Nessa lógica, é de fundamental importância que o docente trabalhe as variedades da língua e principalmente a valorização e respeito às variedades linguísticas existentes na sociedade. Entretanto, alguns docentes acabam agindo com o preconceito linguístico quando corrige os alunos ao pronunciarem palavras que segundo a língua

padrão são consideradas erradas, causando constrangimento e sensação de inferioridade aos alunos que utilizam as variedades que adquiriram no contexto social que está inserido.

Sob esse viés, o docente precisa ter um olhar mais atento acerca do ensino de gramática, visto que o ensino deve ser produtivo e inovador de forma que deixe para trás o ensino tradicionalista dos gramaticistas o qual a preocupação é decorar um manual de gramática e o “falar” e “escrever” correto a todo tempo, porque em alguns momentos não necessita usar a língua padrão. E também, o professor deve respeitar as variedades da língua existentes para não causar preconceito linguístico e desmerecer aqueles que usam suas variedades linguísticas adquiridas e aprendidas no seu convívio social.

Ademais, não se pode esquecer que os alunos devem aprender a gramática normativa de forma produtiva e com aprendizagem significativa, uma vez que estes sentem dificuldades em utilizar a língua padrão nos diversos contextos escolares devido ao fato de que as regras e conceitos gramaticais são ensinados por meio de frases soltas e isoladas. E, sendo que a metodologia correta de ensinar a gramática é explicar as regras e conceitos dentro de textos que fazem parte do âmbito social, do livro didático, da internet etc.

Desta maneira, o docente deve rever a sua prática de ensino, a fim de que o ensino de gramática normativa seja algo com significação e muita aprendizagem para os alunos que passam uma boa parte de suas vidas na instituição escolar saíam com ensinamentos e muitos saberes importantes os quais devem levar para a vida. Nesse sentido, o professor deve ensinar a gramática normativa por meio de uma didática que os alunos possam entender, e lembrando sempre aos discentes que a língua padrão deve ser utilizada em todos os contextos sociais (especialmente em situações que exigem a formalidade e a norma culta).

O professor deve também trabalhar em sala de aula as variedades linguísticas presentes no português brasileiro, com a finalidade de valorizar as variedades existentes na nossa língua e quebrar os preconceitos linguísticos que andam enraizados fortemente na esfera social.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa utilizada neste trabalho foi a de campo. Este tipo de pesquisa “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-los” (Marconi e Lakatos, 2010, p. 169).

Entre outras palavras, este tipo de pesquisa tem como objetivo coletar informações de um determinado problema, podendo ter a comprovação do entrave ou descobrir novas hipóteses. Nesse sentido, a pesquisa tem como objeto de estudo o trabalho da gramática normativa nas aulas de língua portuguesa, na qual abrangerá professores. Sob essa ótica, a pesquisa de campo acontece com a finalidade de obter informações acerca de como a língua padrão é aplicada na sala de aula nos diferentes contextos, envolvendo discentes e docentes.

Ademais, o trabalho também será uma pesquisa de abordagem qualitativa. Este tipo de pesquisa é designado como “aquela que não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (Gerhardt e Silveira, 2009, p. 31) Sob essa linha de raciocínio, a pesquisa qualitativa busca explicações e as consequências dos resultados obtidos por meio dos instrumentos utilizados pelo pesquisador.

A monografia e a pesquisa têm também como método a ser utilizado, o estudo de caso. Consiste em:

Um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (Fonseca, 2002, *apud* Gerhardt e Siveira, 2009, p. 39).

Este tipo de método de pesquisa é um estudo de determinado grupo, instituição, unidades social etc. E, tem como finalidade obter generalizações a partir de fenômenos particulares. Neste caso, o estudo de caso deste trabalho ocorre no

Colégio Municipal Roque Avelino de Queiroz Filho através de duas professoras de Língua Portuguesa, para conhecer com profundidade o ensino de gramática normativa, e saber se as aulas referentes à língua padrão são de maneira tradicional ou contextualizada.

Ainda, este trabalho teve como instrumento de coleta de dados, a ser utilizado na ida a campo, a entrevista. “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (Marconi e Lakatos, 2010, p. 178). De fato, este instrumento caracteriza-se por ser uma conversa entre dois sujeitos para adquirir referências acerca de um determinado conteúdo.

Também, existem vários tipos de entrevistas que um pesquisador pode escolher como instrumento de pesquisa em visita ao local que vai ser pesquisado. Mas, o tipo de entrevista que foi realizada neste trabalho é a narrativa. Este tipo “caracteriza-se como ferramenta não estruturada, visando à profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional” (Jovchelovich e Bauer, 2002, p.159, *apud* Pachá e Moreira, 2022, n.p.). Sob essa temática, na entrevista narrativa o entrevistado não fica preso às perguntas elaboradas pelo pesquisador. Ele fica à vontade para falar sobre o assunto, envolvendo a história de vida dele e as experiências vividas em um determinado contexto social e situacional. Nesse viés, os entrevistados falaram a respeito de sua história de vida e as experiências vividas com a gramática normativa no contexto educacional.

O corpus de estudo deste trabalho constitui-se dos dados coletados acerca da gramática normativa nas aulas de Língua Portuguesa, a partir das entrevistas. Neste corpus os sujeitos que foram estudados e analisados são professores da mesma escola da educação básica. O objetivo foi fazer um estudo comparativo entre esses dois professores para saber se o ensino de gramática normativa tem sido de inovação e aprendizagem de maneira contextualizada ou continua sendo tradicionalista.

Através de depoimentos coletados pelo gravador do celular, a entrevista narrativa foi realizada com cada uma das duas docentes do Colégio Municipal Roque Avelino de Queiroz Filho, a pesquisadora compara como tem sido este ensino de língua padrão com a finalidade de saber como os docentes de Língua Portuguesa estão ensinando a gramática normativa. Além disso, saber se estão

ensinando de forma adequada a determinados contextos em que devem ser utilizados esse tipo de gramática. E, se utilizam as normas padrão e não padrão da língua, dando enfoque à valorização das variedades presentes da língua ou se continuam presos em falar e escrever corretamente a todo o momento, causando constrangimento aos alunos e aumentando a existência do preconceito linguístico.

Ademais, através das entrevistas narrativas em forma de depoimentos pelo gravador do celular o pesquisador descobriu dois pontos: se os professores através de suas histórias e experiências de vida na carreira docente estão ensinando a gramática normativa conforme foi estudado no Ensino Superior. Ou seja, através deste tipo de entrevista o pesquisador obteve informações e dados de como tem sido a realidade do ensino da língua padrão na instituição de ensino básico Colégio Municipal Roque Avelino de Queiroz Filho para o estudo deste trabalho.

A experiência da ida a campo foi algo bastante significativo e importante para a realização deste trabalho. Este tipo de pesquisa, a de campo, permitiu visitar o referido colégio para coletar dados sobre o ensino de gramática normativa, por meio de duas docentes da área de língua portuguesa que aceitaram um bate-papo acerca das aulas de língua padrão.

A escola permitiu a realização da pesquisa e a investigação e coleta de dados com as docentes da instituição. Houve a conversa com as professoras. Após o diálogo, as professoras aceitaram de livre e espontânea vontade participar da pesquisa deste trabalho, e que ajudariam no que fosse possível. Com a autorização dos participantes deste estudo, foi utilizado o gravador do celular pertencente ao pesquisador para gravar a conversa com os docentes. A entrevista narrativa foi feita em momentos diferentes, isto é, foi executado um bate-papo de cada vez com os participantes.

As entrevistadas responderam todos os tópicos do assunto desta entrevista sem se opor a nada e explicaram tudo de forma detalhada e de fácil compreensão. Depois de terminar cada conversa, os participantes se colocaram à disposição para ajudar no que precisasse para a execução desta pesquisa ocorresse com sucesso.

Foi uma experiência muito boa, pois não só contribuiu para a realização desta pesquisa, como também serve para aprimoramento do educador no componente curricular de língua portuguesa. Estes métodos e instrumentos escolhidos possibilitaram olhar com mais maturidade a real situação das aulas de gramática,

ajudando pensar em estratégias para elaborar aulas mais interativas, significativas e voltadas para a realidade e o contexto dos estudantes de determinadas séries.

Também, foi muito importante esta conversa com as docentes, porque falar com diferentes pessoas, escutar o que elas têm a dizer acerca do assunto serve para ampliar nossos conhecimentos e ensinamentos sobre a gramática normativa nas aulas de Língua Portuguesa, faz abrir a mente e refletir sobre o que aprendemos na universidade como aplicar a língua padrão e, como é colocar em prática na sala de aula. Porque uma coisa é entender como deve ser trabalhada a gramática normativa nas aulas e a outra é como levar para os alunos os conteúdos/atividades de modo que eles possam aprender de maneira significativa e com inovação, tendo em vista trabalhar os conteúdos gramaticais pensando nos contextos em que os alunos estão inseridos através dos diferentes tipos de textos existentes.

Executar os métodos e instrumentos de pesquisa para o processo de escrita deste trabalho permitiu o conhecimento de aprender coisas novas, conhecer pessoas, visitar lugares diferentes e colecionar momentos, os quais ajudarão na futura profissão de docente. É algo que vale a pena vivenciar, como também é importante começar a ter contato com o ambiente que se pretende trabalhar e passar uma boa parte do tempo e da vida que é a instituição escolar. Deve-se tentar, na medida do possível, construir experiências, vivências e conhecimentos para se adaptar ao futuro local de exercício da profissão, e se sentir seguro e apto ao que se vai fazer.

4 IMPRESSÕES E RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Os dados coletados na ida a campo e através do estudo de caso acerca do tema deste trabalho foram analisados e comparados. Ou seja, as entrevistas narrativas realizadas com os participantes desta pesquisa abordaram os tópicos sobre ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa e mostram a comparação entre dois discursos das docentes no que diz respeito às suas aulas de português.

Alguns trechos das duas entrevistas narrativas feitas com duas professoras são comparados, mostrando as impressões e as opiniões das duas docentes sobre se o ensino da Língua Portuguesa. O objetivo é saber como a gramática normativa é

ensinada nas aulas de Língua Portuguesa, e qual perspectiva é abordada em sala: tradicional (T) ou contextualizada (C).

A pesquisa de campo e o estudo de caso aconteceram no Colégio Municipal Roque Avelino de Queiroz com duas professoras do Ensino Fundamental II, conforme já informado. As participantes das entrevistas narrativas foram (G.K.O.C.) e (V.O.M.) respectivamente. A primeira entrevistada é pós-graduada em produção textual, graduada pela UNEB (Universidade do Estado da Bahia) em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Tem 8 anos de atuação como docente, atualmente tem uma carga horária de 40 horas, 20 em cada uma das duas escolas em que atua. Já trabalhou no Ensino Médio e em cursos pré-vestibulares. Atualmente, dá aulas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Por fim, a outra docente entrevistada é formada em letras, tem 22 anos de experiência como professora e sua carga horária é de 20 horas. Nunca ensinou no Ensino Médio, já trabalhou no Ensino Fundamental I e II. Agora ensina apenas no 8º e 9º ano.

Inicialmente, as participantes afirmam que durante o período em que estudavam na educação básica o ensino de gramática era na perspectiva tradicional, isto é, voltado para o trabalho da língua padrão sem contextualização. No tópico da entrevista que se referiu à vida pessoal, as entrevistadas foram motivadas a falar sobre suas memórias de estudante: “Como eram as aulas de Língua Portuguesa quando você estudava? E quais as memórias que você tem das aulas daquela época e de seus professores?”, as entrevistadas responderam:

As aulas eram bem tradicionais, seguiam a gramática, leitura e interpretação de texto, mas eram proveitosas. Eu gostava e me inspirei muito neles (G.K.C.O., 2024, n.p.).

Eram aulas teóricas, eram fragmentadas. Era muito a parte da gramática normativa. E, pouca leitura, não tinha muita interpretação. Era tudo nas classes gramaticais. Baseadas somente nas classes gramaticais. E, essa parte de interpretação e de literatura não tinham muito não nos livros. No finalzinho do 9º ano, no fundamental II, foi que chegaram novos livros aqui que foi até os contos de Grimm, e que foi uma festa. Os contos de fadas, e a gente tudo adolescente, na maior festa com aqueles livros (V.O.M., 2024, n.p.).

Os trechos das docentes comprovam uma realidade que desde as épocas as quais elas estudavam as aulas de Língua Portuguesa eram mais voltadas para a gramática tradicional (T), que consistia em decorar regras, ensinar a gramática por

meio de frases soltas de maneira fragmentada, sem contexto. Isso mostra que alguns professores ainda estão presos a esta forma de ensinar a língua padrão.

Em questão ao uso das variedades padrão e não padrão da língua, as duas professoras apontam que são trabalhadas em sala de aula como é dito:

Eles costumam usar a linguagem mais formal. As variedades linguísticas são trabalhadas em sala. Essa semana, no 6 ano, teve aula sobre variação linguística (G.K.C.O., 2024, n.p.).

Eu ensino a eles a importância de cada uma delas e a necessidade de dominar a língua padrão, sem abdicar da sua linguagem não-padrão que também é importante para o convívio social e também faz parte da identidade deles, de retratar o seu modo de vida, seus hábitos, suas experiências, sua cultura. Tudo a gente percebe por essa linguagem não padrão né... a coloquial (V.O.M., 2024, n.p.).

As duas respostas das docentes acerca do bloco da entrevista das variedades padrão e não padrão da língua mostram que são trabalhadas na sala de aula e enfatizam a sua importância para a língua, as experiências, culturas, espaços das pessoas como aponta Bagno:

Conhecer a história da língua, a tradição gramatical, a riqueza do nosso vocabulário, a beleza da nossa literatura oral e escrita, o potencial da nossa linguagem – tudo isso é muito bom, é precioso e deve ser cultivado. Só não podemos admitir que alguém transforme tudo isso numa arma, num arame farpado, numa cerca eletrificada ou em qualquer outro tipo de instrumento autoritário de repressão e de exclusão social (Bagno, 2009, p. 29).

O autor defende o uso da língua, que ela deve ser respeitada e não deve ser um instrumento de perseguição, discriminação, humilhação e de superioridade para aqueles que têm grande domínio com as formas normatizadas da língua. E também, que se sentem no direito de desfazer daqueles que utilizam de suas variedades não padrão na hora de se comunicar. De fato, esse assunto das variedades da língua deve ser trabalhado e ensinado pelos docentes nas aulas de língua portuguesa como cita Bagno:

É precisamente em torno disso que devemos lutar para criar uma **pedagogia da variação e de mudança linguística**, uma reeducação sociolinguística, em que a língua seja vista como

heterogênea, variável e mutante, sujeita às vicissitudes e peripécias da vida em sociedade (Bagno, 2007, p. 116).

As palavras do linguista visam discutir o real significado de levar as variações linguísticas para as aulas de gramática, porque é algo que faz parte do convívio social dos estudantes e explicar que suas variedades não são consideradas “erro” como consideram alguns gramaticistas. Além disso, as variedades da língua fazem parte da identidade de cada pessoa e estão muito presentes em diferentes contextos:

Na mídia impressa menos elitizada a mais popular, os traços de oralidade deslizam para a escrita sob condições específicas em textos de propaganda, editoriais e reportagens. Também estão presentes em produções textuais de alunos em todos os níveis educacionais, desde os estágios do ensino fundamental e médio, até em trabalhos acadêmicos de graduandos e pós-graduandos nas diferentes áreas de conhecimento (Mollica e Roncarati, 2014, p. 237 *apud* Bortoni-Ricardo, et. al, 2014, p.237).

As variedades não prestigiadas estão em toda parte nos diferentes contextos sociais dos indivíduos em que estão inseridos na sociedade, tanto na oralidade quanto na escrita e até pessoas que têm nível superior e especialização inclusive usam a linguagem para se comunicarem em diferentes tipos de textos. De fato, a citação da linguista Bortoni-Ricardo e outros autores (2014), é uma prova de que as variedades não padrão fazem parte da língua de cada pessoa e que os professores não devem ensinar que estes tipos de variedades as quais são consideradas algo errado e sim, que em determinados contextos é mais adequado utilizar a linguagem padrão em outros a coloquial. Ainda, a autora aborda a questão das variedades não padrão da língua e as principais condutas que o professor deve tomar em sala de aula com os alunos:

- O professor identifica “erros de leitura”, isto é, erros na decodificação do material que está sendo lido, mas não faz distinção entre diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura, tratando-os todos da mesma forma;
- O professor percebe o uso de regras não padrão e prefere não intervir para não constranger o aluno;
- O professor percebe o uso de regras não padrão, não intervém, e apresenta, logo em seguida, o modelo da variante padrão (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 38).

Essas são algumas alternativas que o professor de Língua Portuguesa deve ter a conduta em questão as regras não padrões, porque “a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15). A língua deve ser respeitada e valorizada com todas as suas variedades linguísticas. O trabalho da gramática normativa deve ser com inovação e aprendizagem através de um ensino contextualizado.

Ensinar a importância e o uso das variedades padrão e não padrão da língua contribui para manter que as aulas de Língua Portuguesa tenham mais significado/significação e estejam relacionadas com a realidade do aluno. É papel dos professores de Língua Portuguesa acabar com o preconceito linguístico, pois “podemos praticar alguns pequenos atos subversivos, uma pequena guerrilha contra o preconceito, sobretudo nós, professores, somos muito importantes como formadores de opinião” (Bagnó, 2011, p. 164).

Ademais, na entrevista narrativa as duas professoras no tópico acerca da metodologia de ensinar a língua padrão, por meio de reflexões como: “Acha mais confortável dar aulas tradicionais ou pensando em novas tecnologias como, por exemplo, a gramática contextualizada por meio de textos reais/sociais/do cotidiano?”, elas não divergem na questão da maneira que preferem ensinar a gramática normativa:

Sou bem adepta às novas tecnologias e à contextualização. Não costumo da aula da maneira tradicional a medida da palavra pela palavra, e sim sempre dentro de um contexto, com uma interpretação para que se torne mais fácil e mais, é notório que a gente tá aprendendo nem só pela palavra, não só pela regra (G.K.C.O., 2024, n.p.).

Não me sinto confortável, porque a educação precisa caminhar junto com as novas tecnologias, com a gramática. A gramática contextualizada, ela já faz parte da minha metodologia desde a formação de “Gestar” que foi em 2008, e foi uma formação riquíssima onde tudo que aprendemos foi baseado em sequências didáticas a serem trabalhadas na sala de aula de forma contextualizada com a realidade do aluno, com os textos que estavam circulando no momento (V.O.M., 2024, n.p.).

Os dois trechos das entrevistadas apontam que não se sentem confortáveis de trabalhar da maneira tradicional a gramática com que os alunos. A forma descontextualizada faz com que os alunos fiquem longe de algum contexto diferente ou da própria realidade deles, além de a aprendizagem deles não ser bem sucedida. Sobre essa temática, “o ensino contextualizado da gramática é uma das ferramentas mais importantes para que o ensino e a aprendizagem aconteçam de maneira fluida e adequada para formar um aluno capaz e pensante acerca da estrutura e dos usos da língua” (Araújo, 2023, p. 6). Pelo exposto o ensino da gramática contextualizada é a forma mais eficaz e fluida de ser trabalhada com os alunos na sala de aula.

Além disso, no tópico sobre as perspectivas da gramática Tradicional (T) ou Contextualizada (C), por meio de questionamentos como: “Acha que o resultado é o mesmo nas duas abordagens? Qual a sua preferência? Como você faz? Dentre tais perspectivas, Tradicional (T) ou Gramática Contextualizada (GC), você poderia dar um exemplo bem sucedido ou não tanto/tão? A que se deve isso, na sua opinião? Até que ponto a abordagem T ou a GC influenciaram em tais resultados?”, as participantes expressaram as seguintes opiniões:

A contextualizada se torna muito mais fácil para assimilação por parte dos alunos, porém a gente não pode esquecer de lembrar as regras, principalmente das turmas passadas, apesar da gente tá no fundamental II, a gente sempre tem que voltar para as regras passadas anteriormente, pra o aprendizado passado anteriormente. A contextualizada óbvio, obviamente sempre vai ser mais tranquilo de trabalhar, mais aceita por parte deles e, um retorno para gente muito melhor.

Contextualizado, sem dúvidas!!!

Sempre procuro trazer para a sala o que eles estão vivendo... por exemplo, um meme do momento, a música que eles mais escutam, algo que eles gostam... uma série... um filme... um texto que esteja condizente à realidades deles, a partir de nossas vivências em sala.

Ah, sim, nós estávamos trabalhando com dígrafos, encontro consonantal, por exemplo no 6º ano eles estavam com dificuldades de entender às vezes o som do pronunciado... então, peguei a música “pega o Guanabara e vem” para eles escutarem os fonemas, a gente estava trabalhando a diferença de letra e fonema. Então, na música a gente conseguiu identificar as palavras que eles mais tinham dificuldade. Foi muito bem sucedido, eles conseguiram aprender a partir de uma música que eles cantavam no dia a dia da escola.

O ponto positivo depende tanto do desempenho do professor, como também da dedicação dos alunos né... e, ponto negativo seria a falta de recurso que nem sempre a gente tem essa oportunidade ... nós temos que também, cumprir material, conteúdo programático... adiantar algumas vezes.

A gramática contextualizada influencia positivamente os resultados de avaliações, de apresentação e do próprio conhecimento. A contextualizada traz mais resultados de que a gramática tradicional.

Como também me formei recentemente, já aprendi dessa forma, é uma forma que trago sempre para a escola, porque eu entendo que a Língua Portuguesa. A gente não tem que aprender só pelas regras. A gente tem a forma que fala, a gente sabe falar português, a gente traz exatamente para a sala o que a gente sabe, aí se adequa também há uma gramática normativa, porque a gente precisa diferenciar aí os registros né... a gente precisa diferenciar quando utilizar o registro formal e aprender a utilizar o não formal, o que não exclui a linguagem formal.

Exato. Desde que trabalhava no ensino médio, até no concurso pré-vestibular. Quando eu comecei a trabalhar no ensino fundamental, estava na faculdade. Então, eu já tinha essa ideia da gramática contextualizada. Foi assim que eu aprendi. Língua Portuguesa é uma área que eu me identifico muito, desde muito nova. Então, eu nunca trabalhei gramática tradicional apenas por si. A gente trabalha as regras, mas sempre dentro de um contexto. Sempre com uma música. Sempre com uma tirinha. Sempre com algo para que o aluno possa ver o concreto da regra, e não só a regra por si só (G.K.O.C., 2024, n.p.).

De forma contextualizada, principalmente, com a realidade do aluno, fazendo com que eles compreendam que existem diferentes vozes com diferentes escritas de opiniões, voltadas aos textos/gêneros textuais.

Não, a gramática contextualizada ela oferece ao aluno uma maior aprendizagem. Uma aprendizagem completa ele começar a aprender de forma integral e não de forma fragmentada, desconectada da sua realidade social, do seu convívio.

A contextualizada.

Eu sempre uso aquela sequência didática que o ensina por meio do texto e partir do texto contextualizo a gramática e finalizo com a produção textual.

Eu já trabalhei com contos que eram psicológicos e sociais, foi no 8º ano, e foi bem sucedido, porque foi a partir do texto que a gente trabalhou com a gramática contextualizada, dentro do texto. O texto era voltado para a realidade deles, era a história do pé de feijão, onde eles plantavam feijão, então, era a realidade deles. Eles participaram bastante da aula. E, no final, eles conseguiram construir o texto deles voltado no conto social, eles criaram uma crítica voltada para a temática e produziram um texto. Aí fechou. Classificou bem. Ficou bacana o trabalho, porque eles compreenderam de forma geral e tanto a parte do texto, como também a parte da gramática e a produção textual.

Que todos devem aplicar essa gramática, a contextualizada, por esse fato de que o aluno compreenda de forma total. Forma integral do que tá lendo, ele possa em qualquer situação, ele pode identificar, por exemplo, a gramática, identificar o que se pede ali através das dificuldades deles.

Acredito que a normativa ou a gramática contextualizada influenciam na parte social deles, no meio social deles, batendo com as dificuldades de interação, de engajamento, porque já foi trabalhado tudo isso no contexto da escola, dentro da escola, nos textos, nos

gêneros textuais. Então, eles vão ter dificuldades se for trabalhar de forma fragmentada, separada é a gramática, nas questões de interpretação, não se chega esse êxito, não chega a esse sucesso. Com certeza!!! A gramática contextualizada é a base da língua portuguesa, segue entrelaçando o texto, a interpretação, a gramática e a produção textual (V.O.M., 2024, n.p.).

Nos trechos citados no último tópico, percebe-se que as duas professoras preferem e ensinam a gramática de forma contextualizada. Perspectiva esta que permite que o ensino seja produtivo, de inovação, reflexão de sentidos inclusos no texto, o uso da língua em situações reais, geração de usos diferentes da nossa língua, feitura de análise das intenções e situações do uso da gramática normativa, observância dos padrões na utilização da língua e combate ao preconceito linguístico. Neste sentido,

O termo “gramática contextualizada” veio, assim, como uma espécie de acordo: a gente recorre ao texto, mas garantindo a manutenção dos mesmos programas e dos mesmos procedimentos de estudo da gramática. Grande parte dos livros didáticos – mesmo alguns dos mais atuais – ainda se pautam por esse critério (Antunes, 2014, p. 42).

Entende-se que o texto é utilizado para ensinar a gramática normativa. No entanto, nem sempre é utilizado pelos docentes de Língua Portuguesa. Mas, nos trechos expostos acima, as entrevistadas comentaram no bate-papo que ensinam a gramática normativa por meio de um texto, ou seja, dentro de um contexto de preferência dentro da realidade dos estudantes. E, sem o uso deste objeto para as aulas de Língua Portuguesa, o ensino fica desarticulado. Sob essa linha de raciocínio, o texto deve ser a base para o ensino de Língua Portuguesa, porque “[...] não há como fugir à demanda de eleger o texto e seus componentes como O objeto de estudo. A gramática – não esqueçamos – é um desses componentes. Apenas UM” (Antunes, 2014, p. 43).

Diante do exposto, é relevante que a melhor maneira de ensinar a Língua Portuguesa é da forma contextualizada pelo objeto de ensino (texto), visando instruir os alunos, “tencionando a compreensão de todos os seus componentes dentro do texto e de acordo com determinado contexto” (Araújo, 2023, p. 132). Todos os componentes da Língua Portuguesa como regras, conceitos, nomenclaturas,

elementos de semiótica, leitura e produção textual dentre outros, devem ser ensinados por meio do texto.

Também, Antunes (2014) elenca alguns aspectos, os quais podem auxiliar o ensino da gramática contextualizada nas aulas de Língua Portuguesa dentro do texto:

- . A quem se referem as expressões designadoras de pessoa, ou aquelas indicadoras de tempo e lugar (as conhecidas expressões dêiticas);
- . Os recursos léxico-gramaticais utilizados para assegurar a continuidade referencial do texto;
- . A seleção dos artigos;
- . A adequação de um ou outro tipo de modalização;
- . A conveniência de se optar por um pronome, por uma elipse ou por uma expressão referencial com núcleo lexical;
- . As eventuais mudanças na sequência cônica dos membros da frase;
- . As relações causais ou outras relações logico-discursivas que podem ser expressas com ou sem o uso das conjunções;
- . Os diferentes recursos léxico-gramaticais com que se promove a coesão do texto, inclusivamente a repetição de palavras;
- . A relevância e a consistência do que é dito ou a sua coerência semântico-pragmática (Antunes, 2014, p. 82).

O ensino de língua padrão para ter inovação e aprendizagem, o professor necessita saber como ensinar assuntos gramaticais com estratégia, compreensão, relevância, interações comunicativas para aquisição de repertório e conhecimentos. Nesta linha de raciocínio, Antunes (2014) aponta acima estratégias que o docente de Língua Portuguesa pode usar para ensinar a gramática normativa. Deste modo, o ensino ficará mais efetivo, trazendo melhores resultados com a abordagem contextualizada.

Ainda, dentro no ensino de Língua Portuguesa há uma prática aplicada para o ensino de gramática de maneira contextualizada, denominada Análise Linguística (AL). Dessa forma, esta prática é definida como:

A AL surge como alternativa complementar às práticas de leitura e produção de texto, dado que possibilitaria a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/ escutar, de produzir ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua (Bunzen e Mendonça, 2006, p. 203).

Essa prática não foge à regra. Serve para denominar uma nova perspectiva de reflexão do ensino da gramática normativa de maneira contextualizada, envolvendo o sistema linguístico, os usos da língua, com a finalidade de analisar o tratamento escolar dos fenômenos gramaticais, textuais e discursivos. A AL auxilia na reflexão da linguagem nas aulas de português.

Também, o ensino de língua padrão segue a BNCC (2017) (Base Nacional Comum Curricular) documento este que tem a finalidade de garantir para todos os estudantes do Brasil o acesso a conhecimentos e habilidades indispensáveis, independentemente da escola ou da região do país para levarem consigo mesmos, essas aprendizagens. No componente curricular de Língua Portuguesa, a BNCC (2017) defende o ensino da gramática normativa de forma contextualizada e que o texto é o objeto para a efetividade desta percepção como aponta o documento:

O texto como objeto de conhecimento, compreender o texto como “centro das práticas de linguagem”, concebendo-o como enunciado e não apenas como “modelo” de gênero textual para enfatizar a unicidade de cada texto e dos processos enunciativo-discursivos e contextuais que o constituem. Isso significa que o texto verbal (oral e escrito) e o verbo-visual (com articulação entre o verbal e o não verbal) são os organizadores das atividades a serem desenvolvidas, vinculando, assim, os eixos de Leitura, Escrita e Conhecimentos Linguísticos e Gramaticais e Educação Literária) (Brasil, 2017, p. 27).

A BNCC (2017) propõe que o ensino da gramática contextualizada seja realizado por intermédio de textos significativos para que através, destes, os alunos aprendam melhor sobre os conteúdos gramaticais, além de ajudar na efetividade dos eixos de língua. E, o professor não pode deixar de mão a prática da AL, visto que esta permite um trabalho de língua padrão com mais eficiência, interessante para os alunos e sem fugir ao que este documento propõe. O referido documento explora ideias sobre como a língua deve ser ensinada e quais os objetivos, as competências e as habilidades devem ocorrer nas aulas de Língua Portuguesa. Esse documento é de suma importância para os educadores de qualquer componente curricular, a fim de se basearem na execução das suas aulas e abordagem dos conteúdos.

Ademais, a AL não elimina a gramática da sala de aula como alguns pensam, uma vez que não é possível excluir ou refletir com ela sem a língua padrão. Um tipo

de ensino de língua pautado na AL se dá através do seguinte tratamento da língua em sala de aula:

- Concepção de língua como ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes;
- Integração entre os eixos de ensino: a AL é uma ferramenta para a leitura e a produção de textos;
- Metodologia reflexiva, baseada na indução (observação dos casos particulares para a conclusão das regularidades/regras);
- Trabalho paralelo com habilidades metalinguísticas e epilinguísticas;
- Ênfase nos usos como objetivos de ensino (habilidades de leitura e escrita), que remetem a vários outros objetos de ensino (estruturais, textuais, discursivos, normativos), apresentados e retornados sempre que necessário;
- Centralidade dos efeitos de sentido;
- Fusão com o trabalho com os gêneros na medida em que contempla justamente a intersecção das condições de produção dos textos e as escolhas linguísticas;
- Unidade privilegiada: o texto;
- Preferência por questões abertas e atividades de pesquisa, que exigem comparação e reflexão sobre adequação e efeitos de sentido (Mendonça, 2006, p. 207).

Os objetivos propostos por Bunzen e Mendonça (2005) acerca da AL nas aulas de português defendem o ensino de gramática contextualizada, visto que é a forma mais eficaz de ensinar a língua padrão junto com os demais eixos de Língua Portuguesa como oralidade, leitura, produção de texto, semiótica e literatura. A AL ajuda o ensino de gramática ser contextualizado e com inovação e aprendizagem para os estudantes nas instituições escolares.

Sob essa lógica, Mendonça (2007) aponta que a alternativa mais pertinente de trabalhar a análise linguística é a integração dos três eixos básicos do ensino de língua – leitura, produção de textos e análise linguística – para obtenção de resultados positivos de inovação e aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa, envolvendo a gramática normativa. Essa integração dos eixos pode acontecer da seguinte forma:

- a AL realizada a partir da leitura/escuta de textos, buscando-se refletir sobre como a escolha de certas palavras, expressões ou construções linguísticas contribuem para a construção de sentidos de cada texto; seria avaliado o grau de elaboração dessa reflexão, ao

longo dos anos escolares, de forma recorrente e numa dimensão processual;

- a AL realizada a partir da produção de textos, buscando-se refletir sobre aspectos da elaboração do texto escrito ou oral, tais como adequação do gênero à situação sociocomunicativa, critérios de textualidade (coesão, coerência), seleção de registro (formal, informal, semiformal, etc.), atendimento à norma-padrão, etc.; seriam avaliados, por meio de revisão e reescrita, por exemplo, os aspectos de que o aluno já tenha se apropriado, seja no âmbito discursivo, textual ou linguístico, incluídas as questões normativas;

- a AL realizada a respeito de certo tópico, dentre os conhecimentos linguísticos a serem trabalhados na escola, buscando-se a compreensão do seu funcionamento no âmbito da língua (ex.: formação de palavras); essas capacidades contribuiriam, em última análise, para a ampla formação linguística dos alunos; a avaliação focalizaria a capacidade de refletir sobre os fenômenos e de explicitar essa reflexão (Mendonça, 2007, p. 100-101 *apud* Marcurschi e Suassuna, 2007).

A integração destes três eixos de língua portuguesa contribui bastante não só nos elementos gramaticais, mas também nas competências leitora e de escrita de textos, fazendo com que os estudantes se desenvolvam mais nestes e outros eixos de língua como também ajudar os alunos a adquirirem vários conhecimentos por meio de diversas maneiras efetivas que se pode aprender dentro da Língua Portuguesa. Vale pontuar, ensinar a gramática não é decorar regras, conceitos e nomenclaturas mais, sim, entender como funciona a língua padrão e entender que a linguagem não se prende apenas à gramática normativa, e sim, utiliza-se também as variedades linguísticas as quais constituem nossa língua e são importantes para o convívio social. É preciso, nesse sentido, que o professor de língua portuguesa saiba levar a gramática para os alunos, porque o educador além de transmitir conhecimentos, forma opiniões e visões de determinadas temáticas e assuntos.

Deste modo, a entrevista narrativa feita mostra que as duas professoras apesar de terem anos de experiência como docentes atuantes na sala de aula com o componente escolar de Língua Portuguesa e nas suas formações abordagens totalmente diferentes sobre o ensino da língua, ensinam a gramática na perspectiva contextualizada, defendem a diversidade linguística e buscam ministrar aulas de Língua Portuguesa com inovação e comprometimento com a aprendizagem dos alunos.

Esta pesquisa de campo e o estudo de caso deste trabalho realizado no Colégio Municipal Roque Avelino de Queiroz Filho mostraram uma realidade positiva acerca do ensino da gramática normativa. É um sinal que não são todos os professores que estão presos às tradições dos gramaticistas e ainda há esperanças de um ensino de língua padrão produtivo e efetivo.

Assim, é importante destacar a defesa de reformulações acerca da forma de ensinar gramática:

Para uma formação mais adequada para o ensino de gramática normativa são necessárias mudanças estruturais e pedagógicas profundas nas instituições formadoras, além de uma política consistente de aperfeiçoamento em serviço, para que o professor seja capaz de atuar como agente do letramento, no seu sentido mais amplo (Kleiman, 2005 *apud* Bunzen e Mendonça, 2005, p. 224).

Desta maneira, o professor de Língua Portuguesa precisa seguir as mudanças na abordagem do ensino de gramática normativa, objetivando melhor aperfeiçoamento em sua didática. Ensinar a partir desta percepção permite que aulas de português sejam mais dinâmicas, tendo como objeto de estudo o texto e o contexto envolvendo a realidade dos alunos, permitindo gerar interesse na participação das aulas, e também conseguir englobar os demais eixos que pertencem ao ensino de língua que precisam ser trabalhados no componente escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa mostrou que não são todas as escolas que passam pela realidade das aulas de gramática normativa serem tradicionalistas. A escola escolhida para a pesquisa de campo e o estudo de caso com as duas professoras que ensinam o componente curricular de Língua Portuguesa as quais participaram da entrevista narrativa apontaram que defendem um ensino de gramática normativa ao utilizar a gramática em diferentes contextos e que defendem e ensinam as variedades linguísticas e alertam sobre o preconceito linguístico. A gramática é ensinada também de maneira contextualizada (C), perspectiva esta que permite que

os alunos consigam aprender os assuntos gramaticais com significado/significação por meio do objeto de estudo da Língua Portuguesa que é o texto.

A abordagem da gramática contextualizada (GC) defendida desde o início desta pesquisa não desconsidera o tratamento democrático da diversidade linguística na sala de aula, isto é, não discrimina o uso das variedades padrão e não padrão da língua pelos estudantes, reforça também a importância de não negar a sua própria língua e identidade linguística, como também o combate ao preconceito linguístico em sala ou até mesmo em outros ambientes. A gramática contextualizada ensinada pelo professor concede um leque de possibilidades para o trabalho com os alunos através de textos diversificados e a aplicação da diversidade linguística nas aulas de português.

Logo, foi uma pesquisa muito proveitosa, cheia de aprendizagens e conhecimentos. Os resultados foram ótimos, além de ajudar no amadurecimento de como trabalhar a gramática normativa e os demais eixos que norteiam o ensino de Língua Portuguesa de uma maneira mais produtiva e efetiva para que os alunos consigam entender os conteúdos gramaticais com base na realidade destes sem fugir da regra e do que é proposto pela BNCC (2017), em relação às competências e habilidades próprias da Língua Portuguesa e as gerais.

Também, a pesquisa serve como inspiração para aqueles que querem compreender melhor o ensino da gramática normativa a partir dos depoimentos de professoras da rede pública, as quais relatam sobre sua vivência e experiência em ensinar numa perspectiva da gramática contextualizada (GC) que para as participantes é considerada a melhor maneira de trabalhar a gramática com os alunos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. 1. ed: São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. 1. ed.: São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”**. 1. ed.: São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ARAÚJO, Larissa Gomes. **Gramática contextualizada: a problemática do ensino em sala de aula.** 38f. TCC (Graduação) – Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, 2023. Disponível em: <<https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/4668>> Acesso em: 14 out. 2024.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa.** 4. ed.: São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Editorial, 2007.

_____. **Não é errado falar assim!** 1. ed.: em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 56. ed.: São Paulo: Edições Loyola, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** 1. ed.: São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** sociolinguística na sala de aula. 1. ed.: São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. **Por que a escola não ensina gramática assim?.** 1. ed.: São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

Geisy Kelly. **Depoimento.** [jun. 2024]. Entrevistadora: Andressa Gomes. Conceição do Coité, Ba, 2024. Entrevista concedida ao curso de Letras Português, *Campus XIV* da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed.: São Paulo: Atlas, 2003.

_____. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed.: São Paulo: Atlas, 2010.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto *In:_____*. BUNZEN, Clécio; MENDONÇA Márcia (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor.** 1. ed.: São Paulo: Parábola, 2005.

_____. Análise linguística: por que e como avaliar. *In*: MARCURSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (Org.). **Avaliação em língua portuguesa**: contribuições para a prática pedagógica. 1. ed.: Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <<http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/8.pdf>> Acesso em: 18 out. 2024.

PACHÁ, Patrícia; MOREIRA, Lúcia. Entrevista narrativa como técnica de pesquisa. **Synesis**, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.157-168, jan/jun, 2022. Disponível em: <<https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/download/2127/3261/9006#:~:text=A%20entrevista%20narrativa%20tem%20a,vari%C3%A1veis%20relacionadas%20com%20aquela%20quest%C3%A3o.>> Acesso em: 06 out. 2023.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 4. ed.: São Paulo, 1998.

Valdirene. **Depoimento**. [jun. 2024]. Entrevistadora: Andressa Gomes. Conceição do Coité, Ba, 2024. Entrevista concedida ao curso de Letras Português, *Campus XIV* da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

ANEXOS

Questionário da Entrevista Narrativa

1 O que te moveu a fazer Letras?

2 Como eram as aulas de Língua Portuguesa quando a senhora estudava? E quais as memórias que tem das aulas daquela época e de seus professores?

3 O que lhe chamou a atenção no curso de Letras em relação ao ensino de língua? Ex.: reflexões, temas, debates em sala etc.

4 E agora, formada, atuante, como são as turmas que a senhora dá aula, em questão ao perfil social, cognitivo, às dificuldades e aprendizagens, aos contextos: social, histórico, político, cultural e aos aparatos tecnológicos?

5 Como é ser professora das turmas que atua?

6 Como a gramática normativa é ensinada nas aulas de Língua Portuguesa, considerando a dificuldade da maioria dos alunos em entender a gramática normativa e utilizá-la nos diversos contextos de ensino da Língua Portuguesa e no âmbito social?

7 E quanto às variedades padrão e não padrão da língua?

8 Com base nessas suas reflexões, como tem sido suas experiências nas aulas de Língua Portuguesa?

9 Acha mais confortável dar aulas tradicionais ou pensando em novas tecnologias como, por exemplo, a gramática contextualizada por meio de textos reais/sociais/do cotidiano?

10 Acha que o resultado é o mesmo nas duas abordagens? Qual a sua preferência? Como você faz? Dentre tais perspectivas, Tradicional (T) ou Gramática Contextualizada (GC), poderia dar um exemplo bem sucedido ou não tão? A que se deve isso, na sua opinião? Até que ponto a abordagem T ou a GC influenciaram em tais resultados?

11 Quer acrescentar mais alguma coisa?